

A RELAÇÃO ENTRE O SEXO, ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA, ENDIVIDAMENTO E BEM-ESTAR FINANCEIRO NA POPULAÇÃO MUNDIAL

Sophia Beneduce Palumbo
Silvia Franco de Oliveira

RESUMO: O estudo tem como objetivo verificar se o sexo influencia o nível de alfabetização financeira, e se este possui relação com o nível de endividamento e bem-estar financeiro da população mundial. Para o estudo são utilizados dados de 24 países, coletados entre janeiro de 2019 a março de 2020, pela OECD. Para verificar se há diferença entre os grupos utilizam-se testes paramétricos. Os resultados indicam que o sexo não influencia os níveis de alfabetização, conhecimento, comportamento, atitude e bem-estar financeiro, não confirmando as hipóteses do modelo. Somente o nível de conhecimento financeiro influencia o nível de endividamento, sendo uma relação inversa, confirmando as expectativas. Por fim, confirma-se que quanto maior o nível de alfabetização financeira, maior o nível de bem-estar financeiro.

Palavras-chave: Alfabetização Financeira, Conhecimento Financeiro, Comportamento Financeiro, Atitude Financeira, Bem-estar financeiro, Endividamento.

1 INTRODUÇÃO

Após a crise financeira de 2008, os formuladores de políticas em todo o mundo expressam preocupação com a falta de conhecimento financeiro da população em geral. (LUSARDI; MITCHELL, 2014).

Os formuladores de políticas estão buscando preencher as lacunas com programas específicos no intuito de melhorar a educação financeira da população. Essa educação financeira permite que as pessoas naveguem melhor nas crises econômicas. (LUSARDI; MITCHELL, 2014).

E o que a educação financeira deve englobar?

É necessário que os indivíduos desenvolvam habilidades financeiras necessárias para desenvolver e manter um orçamento, entender sobre o crédito, aproveitar o sistema bancário, entre outras atividades relacionadas às finanças pessoais. (LUSARDI; MITCHELL, 2014).

Mas não é somente a educação financeira que é necessária para desenvolver as habilidades dos indivíduos. Há necessidade em desenvolver também sua capacidade cognitiva. Em outras palavras, melhorar o nível de alfabetização financeira da população. (LUSARDI; MITCHELL, 2014).

Para desenvolver o nível de alfabetização financeira da população são necessárias várias tarefas. Uma dessas tarefas é entender que o conhecimento financeiro é uma forma de capital humano a ser adquirido. Através de pesquisas experimentais, aprender sobre as direções de causalidade entre finanças, conhecimento financeiro e bem-estar econômico. Com essas informações, desenvolver modelos de tomada de decisão que direcionem os programas de treinamento para os assuntos identificados. Outra tarefa relevante é a medição do quanto as pessoas conhecem sobre finanças pessoais, identificando subgrupos populacionais menos experientes. Com essas informações, estabelecer modelos teóricos e empíricos, bem como políticas públicas para

aumentar a alfabetização financeira em todas as camadas da população. (LUSARDI; MITCHELL, 2014).

Atkinson e Messy (2012) estão alinhados com as ideias expostas por Lusardi e Mitchell (2014).

De acordo com Atkinson e Messy (2012), para os países que buscam oferecer educação financeira de maneira eficiente, e avaliar o seu impacto a nível nacional, é imprescindível a medição dos níveis de alfabetização financeira para entender quais são os focos prioritários de ação.

É necessário também identificar a relação dos níveis de alfabetização financeira com as variáveis socioeconômicas e demográficas. Diversos autores relacionam a alfabetização financeira com variáveis como gênero, idade, estado civil, ocupação, nível de escolaridade, renda, endividamento, entre outros. Destacam-se os trabalhos de Norvilitis et al. (2006), Lyons (2007), Ismail (2011), Gathergood (2012), Sevin et al. (2012), Atkinson e Messy (2012), Huang e Kisgen (2013), Falahati e Sabri (2015), Campara et al. (2016), Bannier e Schwarz (2018), Flores e Bidarte (2019) e Warren et al. (2019).

Brown e Graf (2013) concluem que indivíduos do sexo feminino, de baixa escolaridade, estrangeiros e de baixa renda possuem níveis significativamente mais baixos de alfabetização financeira. Atkinson e Messy (2012) observam que a alfabetização financeira tende a ser maior entre os adultos no meio de seu ciclo de vida. Lusardi (2015) verifica que a alfabetização varia muito entre os níveis de educação, já que a maioria das pessoas sem um diploma não sabe a resposta ou responde de forma incorreta as questões que envolvem finanças.

Esses resultados mostram a complexidade de se entender e medir o nível de alfabetização financeira, uma vez que o nível de alfabetização financeira se apresenta de maneira distinta em diferentes polos sociais e econômicos.

Klapper et al. (2015), em associação com a Standard & Poor's Ratings Services e a Mc-Graw Hill Financial Inc., desenvolveram o mais abrangente indicador global de alfabetização financeira. As informações sobre alfabetização financeira são baseadas em perguntas adicionadas à pesquisa Gallup World Poll. Essa pesquisa envolveu mais de 150 mil adultos de 140 diferentes economias. Os autores concluem que, no Brasil, há 35% da população adulta com bom nível de alfabetização financeira. Esse valor é ainda baixo, demonstrando a necessidade da implantação de políticas de alfabetização financeira. Essas políticas poderão ocorrer através da criação ou aperfeiçoamento de estratégias nacionais, com o objetivo de oferecer oportunidades de aprendizagem aos diferentes níveis educacionais do país.

Os ganhos não ficam restritos somente para os indivíduos. Uma gestão adequada do orçamento familiar, aliada a um planejamento de médio e longo prazo, e uma escolha criteriosa de produtos financeiros, traz benefícios diretos para a estabilidade do sistema econômico como um todo.

Sendo assim, as contribuições justificam plenamente a execução desse estudo, que busca responder o seguinte problema de pesquisa: O sexo influencia o nível de alfabetização financeira, e este possui relação com o nível de endividamento e bem-estar financeiro da população mundial?

Para responder o problema de pesquisa, são estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) Verificar se o sexo influencia o nível de alfabetização, conhecimento, comportamento, atitude e bem-estar financeiro da população mundial; b) Verificar se existe relação entre o nível de endividamento e o nível de alfabetização, conhecimento, comportamento e atitude financeira

da população mundial; c) Verificar se existe relação entre o nível de bem-estar financeiro e o nível de alfabetização financeira.

Esse trabalho está dividido em cinco partes, sendo a primeira essa introdução. A seguir, é apresentado o referencial teórico, a metodologia, a análise de dados e, por fim, as conclusões, respondendo o problema de pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é dividido em cinco seções. A primeira seção define o que é alfabetização financeira e quais são suas possíveis medições. Na seção seguinte, são apresentados alguns trabalhos que mostram a influência do sexo no nível de alfabetização financeira. Na terceira seção é a vez de trabalhos que procuram analisar a influência do nível de alfabetização financeira sobre o endividamento dos indivíduos, encerrando a seção com trabalhos que buscam verificar se o nível de bem-estar financeiro está relacionado ao nível de alfabetização financeira.

2.1 Alfabetização financeira

De acordo com a OECD (2005), a educação financeira é o processo em que os indivíduos melhoram sua compreensão dos produtos e conceitos financeiros e, através da informação e instrução desenvolvem as habilidades e a confiança para se inteirar mais dos riscos e oportunidades financeiras, fazer escolhas mais adequadas e melhorar seu bem-estar financeiro.

Esse conceito é semelhante ao apresentado por Tavares et al. (2019), onde a definição de alfabetização financeira foca no conhecimento e na habilidade das pessoas em se comunicarem sobre conceitos financeiros, cuidarem das suas finanças e de se planejarem de forma eficaz para o médio e longo prazo.

Percebe-se que são realizados vários estudos pontuais sobre alfabetização financeira em países específicos.

Um estudo feito para analisar a alfabetização financeira na Malásia, tem como base a visão de Huston (2010), aonde a definição vai desde o conhecimento em questões financeiras até a capacidade de utilizar essa alfabetização nas decisões do dia a dia. Alfabetização financeira mede, portanto, o quanto o indivíduo consegue compreender e utilizar informações relacionadas às finanças pessoais.

Essa definição elaborada por Huston (2010) é complementada por Hung et al. (2009), onde os autores afirmam que a alfabetização financeira também consiste no conhecimento, atitude, comportamento e capacidade de tomar decisões financeiras.

Huston (2010) enfatiza ainda que a alfabetização financeira possui duas dimensões, o entendimento e o uso, onde o conhecimento financeiro pertence ao entendimento, e a aplicação do conhecimento entra no uso. Assim, uma pessoa financeiramente alfabetizada, possui a confiança e a capacidade para usar o conhecimento e, também, fazer decisões financeiras pessoais.

Na Jump\$art (2017), alfabetização financeira é mencionada como a capacidade de usar os conhecimentos e as habilidades para gerenciar os recursos de uma pessoa de forma eficaz para trazer uma segurança vitalícia. A alfabetização pessoal foca-se mais em questões de finanças e gestão de recursos financeiros, mais no individual do que na comunidade.

Thaden e Rookey (2005) definem a alfabetização financeira como a compreensão de fatos, conceitos financeiros, princípios e ferramentas tecnológicas que são a chave para a tomada de decisões de caráter financeiro.

Além da complexidade de definição, nota-se também a complexidade de medição da alfabetização financeira.

Hogarth e Hilgert (2002), por exemplo, concluem que consumidores com maiores níveis de conhecimento financeiro são mais prováveis a se comportar financeiramente de forma responsável.

Da mesma forma, Perry e Morris (2005) encontram evidências de que os consumidores com altos níveis de conhecimento financeiro são mais capazes de gerenciar com responsabilidade seu orçamento familiar e sua vida financeira.

Estudos sobre a Austrália realizados por New Zealand Banking Group Limited (ANZ, 2015) indicam que a alfabetização financeira pode apresentar duas perspectivas: o histórico financeiro dos indivíduos e a experiência em programas, sessões e oportunidades de educação financeira. O histórico financeiro é avaliado pela influência de amigos e familiares. A exposição à educação financeira é avaliada pela participação em seminários, workshops e consultoria de planejamento financeiro.

Já no artigo que estuda o nível de alfabetização financeira na Malásia, analisa duas dimensões, conhecimento e aplicação. A alfabetização é vista como um processo, com entrada, produção e saída, presumindo dois caminhos alternativos. Portanto, vai além da dimensão do conhecimento até a dimensão da aplicação sugerida por Huston (2010).

É proposto que o conhecimento financeiro de um indivíduo seja resultado da educação financeira, que leva a um bom comportamento financeiro. O primeiro caminho presume que ocorra por meio da mudança de atitude devido ao conhecimento financeiro aprimorado. O segundo caminho é um caminho direto, onde se supõe que o aumento do conhecimento irá gerar uma mudança imediata no comportamento.

Outro artigo utiliza os dados sobre o número de alunos que tem o potencial de ser exposto à alfabetização financeira por meio de disciplinas de negócios e matemática no ensino médio. Também são analisados programas de estudos para diferentes disciplinas do ensino médio para determinar até que ponto eles integram ou infundem conteúdo de alfabetização financeira.

Já o estudo realizado pela OECD (2016), combina pontos de conhecimento, atitude e comportamento financeiro para verificar, usando regressões logísticas e múltiplas, o impacto do conhecimento financeiro em determinados comportamentos. Com esses dados, Garber e Koyama e Garber (2016) medem, através de análise fatorial, conhecimento financeiro e atitude financeira. Além disso, analisam o impacto do comportamento financeiro relacionado à inclusão financeira a partir de uma nova metodologia que oferece um guia para gestores de políticas públicas analisarem a relação de custo-benefício de intervenções em educação financeira. Goi conclui que o conhecimento e a atitude ajudam a explicar o comportamento financeiro do indivíduo.

Chen e Volpe (1998) examinam a ligação entre conhecimento financeiro e as decisões econômicas de estudantes universitários como forma de medir a alfabetização financeira. Os alunos são classificados de acordo com seu nível de experiência financeira. Os resultados mostram que a experiência foi um fator importante para os alunos com conhecimento financeiro mais avançado nas decisões de consumo e investimento. Evidências semelhantes são

observadas no uso do cartão de crédito, em que os alunos alfabetizados financeiramente e com experiência no setor financeiro não apresentam baixos níveis de endividamento no cartão de crédito.

No artigo de Santos e Abreu (2013), é utilizado um conjunto de cinco questões de alfabetização financeira, questões estas incluídas na pesquisa para avaliar o conhecimento financeiro dos indivíduos e para construir uma *proxy* para a alfabetização financeira. As questões são sobre taxa de juros, inflação, preço de títulos, hipoteca e risco. Os piores resultados ocorrem nas questões sobre inflação, títulos e risco, apontando também menor nível de alfabetização entre as mulheres “não brancas” e jovens.

Pelo que foi apresentado nesta seção, a alfabetização financeira é um tema muito complexo e abrangente. Há várias definições e meios de se medir, mas algo que não muda é sua importância para a sociedade e as consequências positivas que ela traz quando ela é tratada. Quando o indivíduo é financeiramente alfabetizado, ele tem mais ciência de como planejar, tanto agora quanto em longo prazo. Além disso, suas decisões podem impactar a vida de seus familiares e amigos próximos, compartilhando conceitos e experiências. Em outras palavras, além dos impactos individuais, também ocorre um efeito multiplicador. Portanto, quando o país disponibiliza a alfabetização financeira para a população, possivelmente tem uma economia mais saudável e uma sociedade menos desigual.

2.2 A influência do sexo no nível de alfabetização financeira

Várias pesquisas trabalham com a análise da influência do sexo sobre o nível de alfabetização financeira. Algumas delas são apresentadas a seguir e, ao final da seção, disponibiliza-se um quadro resumo e respectiva conclusão sobre o assunto.

Lyons (2007) analisa o crescente aumento do endividamento dos estudantes universitários. Essa situação ocorre devido ao aumento dos custos da faculdade e o aumento de empréstimos para financiar sua educação. Foram realizados estudos em oito campus no Estado de Illinois, Purdue University, University of Missouri-Columbia e University of Wisconsin-Madison, em 2003. A pesquisa mostra que os fatores que aumentam significativamente a probabilidade de um aluno possuir \$1000 ou mais em dívidas de cartão de crédito incluem ser mais velho, mulher, negra, hispânica, casada, alugar um apartamento e ser um estudante universitário de primeira geração. Vale notar que esses alunos pertencem a grupos que historicamente têm dificuldade em obter crédito, ou seja, mulheres, minorias e indivíduos de baixa renda.

Em seu trabalho, Atkinson e Messy (2012) apresentam as conclusões sobre o estudo da OECD utilizando dados da Rede Internacional de Educação Financeira, realizado em quatorze países, entre 2010 e 2011. As questões utilizadas na pesquisa cobrem conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira, além de questões sobre características sociodemográficas dos participantes. Os resultados mostram que as mulheres têm níveis de conhecimento financeiro muito mais baixos do que os homens em quase todos os países estudados. As mulheres possuem, também, menor probabilidade de obter pontuações altas em comportamento financeiro. Somente na República Tcheca, Irlanda e Noruega as mulheres são mais prováveis de obter uma pontuação mais elevada no comportamento financeiro. Quanto à atitude financeira, na maioria dos países pesquisados, as mulheres são mais propensas a ter uma atitude positiva em relação ao longo prazo, porém, isso não é verdade na Albânia e na Polônia, onde os homens são mais prováveis, ou na Armênia e na África do Sul, onde há pouca ou

nenhuma diferença entre os sexos. Nas combinações de medidas, em nenhum dos países estudados as mulheres pontuam mais que os homens.

Huang e Kisgen (2013) examinam as decisões financeiras e de investimento corporativas feitas por executivos do sexo feminino em comparação com executivos do sexo masculino, nos Estados Unidos, em 2012. São examinados diferentes aspectos do comportamento executivo, incluindo fusões e decisões de financiamento, utilizando uma abordagem empírica. São examinadas não apenas a tomada de decisões executivas, mas também a reação do mercado a essas decisões. Os autores concluem que as empresas com executivas são menos propensas a fazer aquisições e menos propensas a emitir dívidas do que as empresas com executivos. Os investidores também reagem de forma mais favorável às decisões financeiras corporativas tomadas por empresas com executivas. Os retornos dos anúncios são maiores em torno de aquisições e ofertas de dívida quando a empresa tem uma executiva, provavelmente devido ao fato de os homens são excessivamente confiantes. Apesar de a pesquisa provar que as melhores decisões são feitas por mulheres, a quantidade de mulheres no comando é muito pequena. Geralmente, isso implicaria salário maior para o gênero, visto que é mais escasso. Porém, não é o que ocorre de fato. O motivo para isso ainda pode ser a discriminação na contratação de executivos.

Falahati e Sabri (2015) buscam avaliar o efeito moderador do gênero nos determinantes do bem-estar financeiro entre estudantes universitários na Malásia, em 2014. Os autores utilizam a técnica de amostragem aleatória estratificada em vários estágios para selecionar os respondentes, enquanto questionários autoaplicáveis são utilizados para coletar os dados. Além disso, uma abordagem de análise de vários grupos é usada no estudo da influência do gênero no bem-estar financeiro. Os resultados revelam que homens e mulheres apresentam comportamentos financeiros diferentes e percebem diferentes níveis de pressão financeira, conhecimento financeiro e atitude financeira. Ainda, o efeito dos agentes de socialização e das experiências de consumo infantil em homens e mulheres é diferente, gerando diferentes níveis de bem-estar financeiro. Uma comparação dos resultados revela que a gestão financeira é o mais forte preditor de bem-estar financeiro entre os alunos do sexo masculino, enquanto entre as mulheres, o conhecimento financeiro e a alfabetização financeira são os principais determinantes.

Bannier e Schwarz (2018) examinam a influência do conhecimento financeiro real e percebido sobre a riqueza financeira. Usando dados de pesquisas alemãs, os autores examinam de que forma os efeitos da alfabetização financeira e da confiança na riqueza financeira dependem do gênero e da educação formal como um substituto para a capacidade metacognitiva. A análise prossegue em duas etapas. Em uma primeira análise descritiva, examinam as distribuições condicionais de educação financeira e a confiança na amostra. Os resultados mostram que não só existe uma lacuna de gênero no conhecimento financeiro, mas que essa lacuna também depende do nível educacional do entrevistado. Mais precisamente, a alfabetização financeira aumenta na educação, com um aumento mais forte para as mulheres do que para os homens. Como consequência, a lacuna de gênero na alfabetização financeira diminui na educação e as mulheres com alto nível de escolaridade exibem uma alfabetização financeira tão forte quanto os homens com alto grau de instrução. A diferença de gênero na confiança, por outro lado, aumenta na educação, embora apenas fracamente. Na segunda etapa é considerado um impacto potencialmente moderador de gênero e educação sobre os efeitos causais do conhecimento financeiro sobre a riqueza. É utilizado um procedimento de identificação baseado em instrumentos gerados por heterocedasticidade. Mostra-se que a alfabetização financeira de fato

tem uma influência causal positiva sobre a riqueza. O efeito positivo da alfabetização financeira aumenta junto com a educação para as mulheres, mas diminui para os homens. Os níveis de riqueza das mulheres com alto nível de escolaridade, portanto, se beneficiam muito mais de um aumento na alfabetização financeira do que os dos homens com alto nível de escolaridade. A confiança, em contraste, exibe um efeito mais forte para os níveis de riqueza dos homens do que para as mulheres, o que é basicamente invariável a mudanças na educação.

Flores e Bidarte (2019) investigam fatores comportamentais e variáveis demográficas na propensão ao endividamento em Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai, em 2017. Os dados são coletados por meio de um questionário estruturado com escalas quantitativas para o endividamento, materialismo, percepção e comportamento de risco e outras questões de perfil. O fator comportamento de risco mostra que existe uma diferença significativa em relação ao gênero e aos gastos. Ao avaliar as diferenças, percebe-se que a maior média é atribuída ao gênero feminino, demonstrando que pode haver um comportamento de risco maior do que o gênero masculino. Entende-se que as mulheres podem ser mais endividadas do que os homens porque são mais predispostas ao comportamento de compra compulsiva, comportamento esse que não avalia o risco inerente à decisão.

O artigo de Warren et al. (2019) relata as descobertas de um currículo especializado em educação financeira em violência doméstica. O questionário é desenvolvido e testado na Austrália Ocidental usando medidas pré e pós grupos de foco. O abuso econômico é definido como o comportamento que controla a capacidade da mulher em adquirir, usar e manter os recursos econômicos ameaçando, assim, sua segurança econômica e potencial para autossuficiência. Os autores citam a importância de se criar programas específicos para mulheres que experimentam abuso econômico, uma vez que programas genéricos de educação financeira provavelmente não são responsáveis pelos efeitos da violência na confiança financeira das mulheres. Todas as mulheres que participaram do estudo relatam ter experimentado alguma forma de abuso econômico. O estudo evidencia os benefícios da educação financeira como meio de capacitação econômica, a importância de abordar o abuso econômico ao lado de outros aspectos e a contribuição de tais intervenções na recuperação das mulheres da violência.

Pelas pesquisas sumarizadas no Quadro 1, é de se observar que o gênero possui influência sobre o comportamento, atitude e conhecimento financeiro. Estudos relatam que a mulher apresenta maior risco de endividamento, sendo uma das causas a menor inclusão financeira e/ou exposição das mulheres à alfabetização financeira. Mulheres expostas a uma educação financeira possuem melhores atitudes financeiras, mostrando-se melhores executivas nas empresas. Outro fator que pode explicar a capacidade das mulheres em adquirir e utilizar os recursos econômicos é a influência do abuso econômico. Os estudos indicam que a inserção da alfabetização financeira na sociedade pode gerar uma menor desigualdade de gênero.

Quadro 1 - Influência do sexo sobre a alfabetização financeira

Autor	Objetivo	Amostra	Conclusões
Lyons (2007)	Analisar o aumento do endividamento dos estudantes universitários.	Estudantes universitários em oito campus no Estado de Illinois, Purdue University, University of Missouri-Columbia e University of Wisconsin-Madison, em 2003.	Os fatores que aumentam a probabilidade de o estudante universitário possuir \$1000 ou mais em dívidas de cartão de crédito incluem ser mais velho, mulher, negra, hispânica, casada, alugar um apartamento e ser um estudante universitário de primeira geração.
Atkinson e Messy (2012)	Apresentar as conclusões da OCDE sobre a Rede Internacional de Educação Financeira.	Quatorze países com dados entre 2010 e 2011.	Desigualdade de gênero, considerando os níveis de alfabetização financeira, conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira.
Huang e Kisgen (2013)	Examinar as decisões financeiras e de investimento corporativas feitas por executivos do sexo feminino em comparação com executivos do sexo masculino.	Executivos do sexo masculino e feminino dos EUA em 2012	Empresas com executivas são menos propensas a fazer aquisições e a emitir dívidas. Os investidores também reagem de forma mais favorável às decisões financeiras corporativas tomadas por executivos do sexo feminino.
Falahati e Sabri (2015)	Avaliar o efeito moderador do gênero nos determinantes do bem-estar financeiro entre estudantes universitários.	Estudantes universitários na Malásia, em 2014.	Homens e mulheres apresentam comportamentos financeiros diferentes e percebem diferentes níveis de pressão financeira, conhecimento financeiro e atitude financeira.
Bannier e Schwarz (2018)	Examinar a influência do conhecimento financeiro real e percebido sobre a riqueza financeira.	O estudo é feito na Alemanha, 2017.	A lacuna de gênero na alfabetização financeira diminui com a educação. As mulheres com elevado nível de escolaridade exibem uma alfabetização financeira tão forte quanto os homens com elevado grau de instrução.
Flores e Bidarte (2019)	Investigar fatores comportamentais e variáveis demográficas na propensão ao endividamento.	Estudo realizado em Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai, em 2017.	A maior média de endividamento é atribuída ao gênero feminino, demonstrando que pode haver um comportamento de risco maior.

Warren, Marchant, Schulze e Chung (2019)	Relatar as descobertas de um currículo especializado em educação financeira em violência doméstica.	Pesquisa realizada na Austrália Ocidental, em 2017.	Mostra os benefícios da educação financeira como meio de capacitação econômica em mulheres que experimentaram abuso econômico.
--	---	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor

2.3 A alfabetização financeira, o endividamento e a inadimplência

Algumas pesquisas relacionam, também, como o nível de alfabetização financeira pode influenciar o endividamento. Foram selecionados alguns desses artigos os quais foram disponibilizadas suas conclusões a seguir. Na sequência, é apresentado um quadro resumo e algumas considerações finais.

Paul e Boden (2011) buscam avaliar as medidas atuais de mitigação de risco no Reino Unido e como elas podem ser melhoradas. Os autores relacionam o atraso no pagamento de dívidas comerciais com as posições de poder relativas de fornecedores e clientes, a competitividade dos mercados, e a perturbação associada às mudanças nas tecnologias de pagamento e concentração de clientes. Os autores concluem que aqueles que mais sofrem com atrasos no pagamento possuem práticas de gestão de crédito inadequadas. Já quem adota boas práticas de gestão de crédito, consideram os atrasos de pagamento o menor de seus problemas. Ainda, a educação com práticas de gestão financeira e de crédito reduzem mais os problemas de atraso de pagamento do que outras intervenções.

Donadio et al. (2012) estudam o papel da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos brasileiros, utilizando dados de pesquisas sobre endividamento, como a PEIC e a ABECS, de 2011. Os autores concluem que, a partir da crise de 2008, o endividamento da população começa a aumentar. Com a população brasileira tendo fácil acesso ao crédito, a falta de alfabetização financeira torna-se cada vez mais preocupante, visto que o cartão de crédito, por si só, tende a induzir o consumidor a maiores gastos, pois muitos veem o cartão de crédito como algo mais abstrato do que o dinheiro, dificultando o entendimento das consequências que o cartão de crédito pode ter na degradação das finanças pessoais e no grau de endividamento.

Ainda sobre a crise de 2008, outro fator importante foi a contração significativa dos gastos de consumo. O artigo de Kim et al. (2014) objetiva apresentar uma abordagem alternativa pós-keynesiana dos gastos de consumo, em que a renda corrente, o endividamento das famílias afeta o consumo atual. Para isso, é feita uma análise de uma investigação empírica dos gastos de consumo dos Estados Unidos desde a década de 1950. Os resultados mostram uma mudança estrutural no comportamento do consumidor. Entre 1952 e 2011, a renda atual é significativa na função de consumo, enquanto o empréstimo ao consumidor é insignificante. Porém, analisando o período de 1980 a 2011, a renda é menos importante, enquanto o empréstimo ao consumidor é altamente significativo, apontando uma quebra estrutural no ano de 1980. Essas conclusões convergem com a ideia pós-keynesiana do consumo, onde as famílias acumulam dívidas para financiar o consumo que não podem pagar com a renda corrente.

Carvalho et al. (2017) têm como objetivo analisar o endividamento na visão dos indivíduos. Os autores realizam 300 entrevistas, nas quais os dados são analisados por meio da técnica de evocação de palavras, método este que permite o acesso à representação social de um conceito decompondo-o em ideias centrais e periféricas, a partir da visão de diferentes classes e estratos sociais. De acordo com os autores, o endividamento ocorre em todas as classes econômicas, não sendo apenas fruto da limitação financeira dos indivíduos. Os fatores que podem influenciar no nível de endividamento são o nível educacional, a alfabetização financeira, a autoestima, o comportamento com relação ao risco, os hábitos de uso do dinheiro, o estilo de vida, os transtornos mentais, além de outros aspectos sociodemográficos e características pessoais. Os resultados mostram que o endividamento representa, para os respondentes, o produto de contas, gastos, dívidas e obrigações decorrentes da convergência de fatores gerados por ações individuais ou externas, resultando em disposições emocionais ruins para os indivíduos.

O artigo de Mette et al. (2018) procura analisar a existência de uma relação entre os pilares da alfabetização financeira com a propensão à inadimplência e, para isso, utiliza-se uma triangulação, com coleta de dados qualitativos e quantitativos, através de entrevistas individuais e uma *survey* com consumidores da classe C. Para os autores, a população brasileira não possui um preparo para crise e administração de suas dívidas. Por isso, motivações de crédito e desorganização financeira são os maiores indícios que levam os indivíduos ao endividamento. Por isso, a educação financeira é fundamental no processo de estabilização e bem-estar financeiro, além de ser um elemento que deveria ser básico para o dia a dia do indivíduo. Os resultados do estudo mostram que o cartão de crédito é o grande vilão do endividamento e da inadimplência. Com relação à alfabetização financeira, a conclusão é de que quanto maior o nível de alfabetização, menor tende a ser a inadimplência. O comportamento e conhecimento financeiro também apresentam efeitos negativos na inadimplência, ou seja, quanto mais conscientes forem as atitudes financeiras, menor a propensão à inadimplência.

Pelas pesquisas chega-se à conclusão de que a população vem financiando o seu consumo através das dívidas. A falta de alfabetização financeira dos indivíduos pode ser um fator explicativo para esse comportamento de endividamento. Entende-se que, uma vez que os indivíduos possuam um nível melhor de alfabetização financeira, essas atitudes tendam a diminuir. As pesquisas também indicam que um fator importante nesse crescente endividamento é o fácil acesso aos cartões de crédito. Em muitos casos, quando os pagamentos são realizados com atraso, geram juros exorbitantes, muitas vezes impagáveis. A alfabetização se faz necessária, não só para a melhor gestão das finanças pessoais, mas também para o entendimento de conceitos básicos, como os juros dos cartões de crédito.

Quadro 3 - O endividamento e a inadimplência

Autor	Objetivo	Amostra	Conclusões
Paul e Boden (2011)	Avaliar as medidas de mitigação de risco no Reino Unido e como podem ser melhoradas.	Reino Unido até 2011.	Os que mais sofrem com atrasos no pagamento possuem práticas de gestão de crédito inadequadas.

Donadio, Campanario e Rangel (2012)	Estudar o papel da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos brasileiros.	Dados de pesquisas sobre endividamento, como a PEIC e a ABECS, no Brasil em 2011.	O fácil acesso ao crédito e a falta de alfabetização financeira tendem a induzir o consumidor a maiores gastos, aumentando o nível de endividamento.
Kim, Setterfield e Mei (2014)	A renda corrente e o endividamento das famílias afetam o consumo atual.	Estados Unidos, de 1952 a 2011.	Em 1980 ocorre uma quebra estrutural onde as famílias começam a acumular dívidas para financiar consumo que não podem pagar com a renda atual.
Carvalho, Sousa e Fuentes (2017)	Analisar o endividamento na visão dos indivíduos.	300 entrevistas, nas quais os dados foram analisados por meio da técnica de evocação de palavras, no Brasil em 2016.	O endividamento é o produto de contas, gastos, dívidas e obrigações decorrentes da convergência de fatores gerados por ações individuais ou externas.
Mette, Araldi e Rohde (2018)	Analisar a relação entre a alfabetização financeira e a propensão à inadimplência.	Entrevistas individuais e uma survey com consumidores da classe C no Brasil, em 2018.	O cartão de crédito é o vilão do endividamento e da inadimplência. E quanto maior o nível de alfabetização, menor a inadimplência.

Fonte: Elaborado pelo autor

2.4 A relação entre a alfabetização financeira e o nível de bem-estar financeiro

Nesta seção é analisada a relação entre a alfabetização financeira e o nível de bem-estar financeiro.

O bem-estar financeiro é o estado onde o indivíduo cumpre totalmente suas obrigações financeiras, sentindo-se seguro e apto a realizar escolhas que permitam aproveitar a vida. (CFPB, 2015).

São apresentados alguns trabalhos que pesquisam sobre essa relação e, ao final, é disponibilizado um quadro resumo com as principais conclusões dos autores. Para encerrar, são feitas algumas considerações sobre as conclusões dos autores.

Taft et al. (2013) avaliam a relação entre alfabetização financeira, bem-estar financeiro e preocupações financeiras. A pesquisa é realizada com pessoas que frequentam uma universidade do Irã. Os dados são analisados usando teste de correlação, teste independência de duas amostras com base na distribuição T e regressão. Os resultados mostram que a idade e a escolaridade estão positivamente correlacionadas com a alfabetização financeira e o bem-estar financeiro. Ainda, um nível mais alto de bem-estar financeiro é seguido pela educação financeira e, uma maior alfabetização financeira leva a menos preocupações financeiras. Com isso, um maior bem-estar financeiro reduz as preocupações financeiras.

Vieira et al. (2016) analisam a influência da alfabetização financeira e da renda sobre o bem-estar financeiro de indivíduos no Rio Grande do Sul. Participam da pesquisa 1577 indivíduos. Os dados são analisados através da estatística descritiva, análise fatorial confirmatória e análise de regressão linear múltipla. O artigo destaca o efeito direto da atitude financeira sobre o bem-estar financeiro e, ainda, que um comportamento financeiro positivo proporciona um melhor índice de bem-estar financeiro. Os autores concluem, também, que o gerenciamento dos recursos disponíveis de forma consciente, cumprindo as necessidades financeiras, é o método mais conveniente para a manutenção do bem-estar financeiro. Quanto à renda, apresenta uma correlação positiva com o bem-estar financeiro. As principais variáveis que influenciam o bem-estar financeiro são comportamento financeiro, possuir dívidas, carnê de loja, poupança, nome ligado ao cadastro negativo, conta bancária e renda acima de R\$5.000,01. Com isso, os autores concluem que quem necessita de maior contribuição para atingir um maior bem-estar financeiro são pessoas com renda mais baixa, com baixo nível de comportamento financeiro adequado, que não praticam o ato de poupar, possuem o nome ligado ao cadastro negativo, o que se torna um alerta para a sociedade.

Limbu e Sato (2018) examinam o papel mediador da autoeficácia do cartão de crédito na relação entre a alfabetização do cartão de crédito e o bem-estar financeiro e, ainda, se o número do cartão de crédito modera esse efeito. Participaram da pesquisa 427 estudantes universitários dos Estados Unidos em 2008. Os resultados mostram um efeito indireto da alfabetização de cartão de crédito no bem-estar financeiro de estudantes universitários por meio da autoeficácia, que é moderada pelo número de cartões de crédito, ou seja, o conhecimento sobre cartão de crédito influencia positivamente o bem-estar financeiro. O entendimento dos estudantes universitários sobre os termos e condições do cartão de crédito influencia as percepções de suas habilidades para usar e gerenciar com eficácia seus cartões de crédito, o que, por sua vez, aumenta seus sentimentos de confiança e segurança financeira pessoal. Inclusive, o estudo mostra que os estudantes universitários que possuíam menos cartões de crédito exibem maior nível de autoeficácia, o que acaba levando a um maior bem-estar financeiro.

Riitsalu e Murakas (2019) estudam como o conhecimento objetivo e subjetivo de finanças, comportamento financeiro e status socioeconômico afetam o bem-estar financeiro. Os autores utilizam dados quantitativos de pesquisa de alfabetização financeira da Estônia, em 2015. Os indicadores utilizados para medir o bem-estar financeiro são o fato de ter ficado sem dinheiro nos últimos 12 meses e ser capaz de cobrir um custo inesperado sem pedir emprestado. Os autores concluem que os respondentes podem relacionar o bem-estar financeiro mais com o bem-estar geral e a satisfação com a vida, ao invés de refletir puramente sobre a situação econômica. O conhecimento subjetivo tem uma relação mais forte com o bem-estar financeiro do que o conhecimento objetivo, e o comportamento financeiro e o nível de renda se correlacionam com o bem-estar financeiro.

Quadro 4 - Alfabetização financeira e bem-estar

Autor	Objetivo	Amostra	Conclusões
Taft et al. (2013)	Avaliar a relação entre alfabetização financeira, bem-estar financeiro e preocupações financeiras.	Pessoas em uma universidade do Irã, em 2013.	Idade e escolaridade estão positivamente correlacionadas com a alfabetização financeira e o bem-estar financeiro. Um nível mais alto de bem-estar financeiro é influenciado pela educação financeira.
Vieira et al. (2016)	Analisar a influência da alfabetização financeira e da renda no bem-estar financeiro dos indivíduos.	1577 respondentes no Rio Grande do Sul, em 2016.	Efeito direto da atitude financeira com o bem-estar financeiro. Comportamento financeiro positivo proporciona melhor índice de bem-estar financeiro.
Limbu e Sato (2018)	Examinar o papel da autoeficácia do cartão de crédito na relação entre a alfabetização do cartão de crédito e o bem-estar financeiro.	427 estudantes universitários dos Estados Unidos, em 2008.	Efeito indireto da alfabetização de cartão de crédito no bem-estar financeiro de estudantes universitários.
Riitsalu e Murakas (2019)	Estudar como o conhecimento objetivo e subjetivo de finanças, o comportamento financeiro e o status socioeconômico afetam o bem-estar financeiro.	Pesquisas de alfabetização financeira da Estônia, em 2015.	O conhecimento subjetivo tem uma relação mais forte com o bem-estar financeiro do que o conhecimento objetivo. O comportamento financeiro e o nível de renda se correlacionam com o bem-estar financeiro.
Fu (2020)	Realizar uma análise sistemática de seus preditores do bem-estar financeiro.	Pesquisa realizada em 110 sub-regiões de países em 2019.	Parte considerável do bem-estar financeiro é impulsionada por fatores não relacionados à capacidade financeira e aos sistemas financeiros do indivíduo.

Fonte: Elaborado pelo autor

Fu (2020) busca demonstrar que as diferenças nas características estruturais e institucionais dos setores financeiros locais desempenham papel importante na formação do bem-estar financeiro, independentemente do nível de alfabetização ou inclusão financeira do indivíduo. O autor explora a diversidade fornecida por 110 sub-regiões de países para construir variáveis do nível sub-regional em importantes características estruturais e institucionais do sistema financeiro. O autor constata que a média de respondentes da amostra é deficiente em mais de três das dez dimensões consideradas vitais para o bem-estar financeiro. Destaca, ainda, que a desigualdade nos níveis de bem-estar financeiro é impulsionada por uma gama muito mais ampla de fatores do que os normalmente considerados. Embora o acesso financeiro universal ainda seja um

objetivo importante, sua relação com o bem-estar financeiro pode ser silenciada, dependendo das características estruturais ou institucionais de seus respectivos setores financeiros. Muitas dessas características, como o desenvolvimento de setores intermediários para informação, mercados competitivos e planos de pensão apropriados, são provavelmente processos de longo prazo que requerem intervenção governamental significativa. Além disso, o estudo também sugere que uma parte considerável do bem-estar financeiro é impulsionada por fatores não relacionados à capacidade financeira e ao sistema financeiro do indivíduo.

Os artigos mostram a relação existente entre nível de bem-estar financeiro com o nível de alfabetização financeira, o comportamento financeiro, a atitude financeira e/ou o conhecimento financeiro do indivíduo. Os resultados dos estudos indicam que essas variáveis possuem relação, direta ou indireta, com o bem-estar financeiro.

Com isso, pode-se entender que para possuir bem-estar financeiro é necessário ter uma alfabetização financeira, pois, assim, o indivíduo tem conhecimento sobre suas finanças e sabe se comportar de forma positiva, cumprindo com suas obrigações e vivendo de forma confortável.

Além dessas variáveis, alguns artigos também relacionam o tema com o nível de renda, resultando em uma relação positiva, o que mostra que quanto maior a renda, maior o bem-estar financeiro.

3 METODOLOGIA

Os dados utilizados nesse estudo foram coletados do relatório da OECD (2020) que fornece uma análise do nível de alfabetização financeira de 24 países. São analisados os seguintes indicadores: alfabetização, conhecimento, comportamento, atitude e bem-estar financeiro. Os países que compõem a amostra são: Alemanha, Áustria, Bulgária, Colômbia, Coréia do Sul, Croácia, Estônia, Georgia, Hong Kong China, Hungria, Indonésia, Itália, Malásia, Malta, Moldávia, Montenegro, Norte da Macedônia, Perú, Polônia, Portugal, República Checa, Romênia, Rússia e Slovênia.

Quando se analisa o bem-estar, a amostra é composta por 21 países, visto que não há informações sobre Malásia, Malta e Rússia.

A pesquisa da OECD (2020) coleta dados de adultos, entre 18 e 79 anos. As entrevistas foram realizadas preferencialmente por telefone ou presencial. As entrevistas ocorreram em, no mínimo, 1.000 participantes. Os dados foram coletados entre janeiro de 2019 e março de 2020, período anterior aos efeitos da Covid-19. (OECD, 2020).

A pontuação da alfabetização financeira é um valor entre 1 e 21. A alfabetização financeira consiste na soma de três elementos: a) pontuação de conhecimento financeiro, que varia de zero a sete; b) pontuação de comportamento financeiro, que varia de zero a nove; c) pontuação de atitude financeira, que varia de um a cinco. Em todos os casos, quanto maior a pontuação, melhor o indivíduo se desempenha financeiramente. (OECD, 2020).

A pontuação de cada uma das três variáveis (conhecimento, comportamento e atitude) é calculada como resultado das respostas às perguntas que definem esses atributos. (OECD, 2020).

As questões referentes ao conhecimento financeiro abordam os seguintes assuntos: a) valor do dinheiro no tempo; b) entendimento sobre as taxas de juros pagas em empréstimos; c) cálculo

de juros simples; d) compreensão sobre juros simples e juros compostos; e) compreensão sobre risco e retorno; f) compreensão sobre inflação; g) compreensão sobre diversificação de risco. (OECD, 2020).

As questões sobre comportamento financeiro abordam os seguintes assuntos: a) orçamento; b) compras de produtos; c) poupança; d) controle das despesas; e) endividamento. (OECD, 2020).

As questões de atitude financeira abordam as atitudes com relação ao longo prazo e à poupança. As questões buscam avaliar as preferências de curto prazo para se gastar o dinheiro, visto que este tipo de preferência tende a dificultar o comportamento que pode levar o indivíduo à melhoria financeira futura. (OECD, 2020).

O relatório da OECD (2020) também avalia o bem-estar financeiro. A medida do bem-estar financeiro segue a metodologia do *Consumer Financial Protection Bureau* (CFPB), dos EUA. A pontuação máxima de bem-estar financeiro alcançável é de 20 e a mínima é de 0,21. O CFPB sugere interpretar uma pontuação mais alta como uma indicação de um nível mais alto de bem-estar. Mas, por se tratar de um escore baseado em uma escala de autoavaliação, não existe um limite específico para indicar se o bem-estar financeiro é bom ou ruim.

Utilizando essas variáveis, verifica-se se o sexo influencia os níveis de alfabetização, conhecimento, comportamento, atitude e bem-estar financeiro. A amostra é dividida em dois grupos: feminino e masculino. As hipóteses relacionadas ao sexo são:

Hipótese 1: O sexo masculino apresenta um nível de alfabetização financeira mais elevado que o sexo feminino

Hipótese 2: O sexo masculino apresenta um nível de conhecimento financeiro mais elevado que o sexo feminino

Hipótese 3: O sexo masculino apresenta um nível de comportamento financeiro mais elevado que o sexo feminino

Hipótese 4: O sexo masculino apresenta um nível de atitude financeira mais elevado que o sexo feminino

Hipótese 5: O sexo masculino apresenta um nível de bem-estar financeiro mais elevado que o sexo feminino

A próxima variável é o nível de sofrimento de estresse financeiro. Para medir essa variável a OECD (2020) calculou a porcentagem de adultos que responderam que sofreram um déficit financeiro. O déficit financeiro é o momento onde as despesas são maiores que as receitas nos últimos 12 meses. As hipóteses relacionadas ao nível de endividamento são:

Hipótese 6: O nível de endividamento tem uma relação inversa com o nível de alfabetização financeira

Hipótese 7: O nível de endividamento tem uma relação inversa com o nível de conhecimento financeiro

Hipótese 8: O nível de endividamento tem uma relação inversa com o nível de comportamento financeiro

Hipótese 9: O nível de endividamento tem uma relação inversa com o nível de atitude financeira

Por fim, a última hipótese do modelo é a hipótese referente à relação entre o nível de bem-estar financeiro e o nível de alfabetização financeira.

Hipótese 10: Quanto maior o nível de alfabetização financeira, maior o nível de bem-estar financeiro.

Para verificar as hipóteses do modelo, utilizam-se os testes estatísticos. Se os dados possuírem distribuição normal, são utilizados os testes paramétricos. Para verificar se os dados possuem distribuição normal, utiliza-se o teste de Shapiro-Wilk, visto que a soma do número de observações das amostras é inferior a 30. Quando se realiza o teste paramétrico, comparam-se as médias. Quando se comparam duas amostras independentes com distribuição normal, utiliza-se o teste T Student. Quando se comparam mais de duas amostras independentes com distribuição normal, utiliza-se o teste ANOVA *one way*.

Para verificar se o nível de alfabetização, conhecimento, comportamento, atitude e bem-estar possuem relação com o nível de endividamento o teste de correlação de Pearson. Segundo Cohen (2013), para análise de variáveis relacionadas às ciências sociais, o coeficiente de correlação (ρ) pode ser avaliado seguindo a escala abaixo:

- Se $\rho < 0,10$ ou $-0,10 < \rho < 0 \rightarrow$ correlação insignificante
- Se $0,10 \leq \rho < 0,30$ ou $-0,30 < \rho \leq -0,10 \rightarrow$ correlação pequena entre as variáveis
- Se $0,30 \leq \rho < 0,50$ ou $-0,50 < \rho \leq -0,30 \rightarrow$ correlação média entre as variáveis
- Se $\rho \geq 0,50$ ou $-1 \leq \rho \leq -0,50 \rightarrow$ correlação grande entre as variáveis

Para verificar se rejeita a hipótese nula, utiliza-se o método do valor-p. Se o valor-p for inferior ao nível de significância, rejeita-se a hipótese nula. Os testes são realizados a um nível de confiança de 95% e são realizados utilizando o software SPSS versão 24.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seção inicia verificando se as amostras possuem distribuição normal e determinação do teste apropriado para análise dos dados. A seguir, é realizada a análise da influência do sexo sobre o nível de alfabetização financeira. Na sequência, verifica-se a existência de relação estatisticamente significativa entre o nível de alfabetização financeira e o grau de endividamento, finalizando com a verificação da existência de relação estatisticamente significativa entre o nível de alfabetização financeira e o bem-estar financeiro.

4.1 Distribuição normal

De acordo com a Tabela 1, as amostras possuem distribuição normal. Portanto, para realizar os testes de hipótese utiliza-se o teste paramétrico T Student para duas amostras independentes.

Tabela 1 - Teste de normalidade

Amostra	Sexo				Endividamento		Bem-estar	
	Feminino		Masculino					
	Valor-p	Distrib. normal?	Valor-p	Distrib. normal?	Valor-p	Distrib. normal?	Valor-p	Distrib. normal?
Alfabetização	0,948	Sim	0,703	Sim	0,761	Sim	0,827	Sim
Conhecimento	0,246	Sim	0,526	Sim	0,267	Sim		

Comportamento	0,791	Sim	0,399	Sim	0,847	Sim	
Atitude	0,111	Sim	0,482	Sim	0,408	Sim	
Bem-estar	0,103	Sim	0,414	Sim			0,606 Sim

Fonte: Dados da pesquisa

4.2 A influência do sexo

Ao final dos testes estatísticos, disponíveis na Tabela 2, a conclusão é que o sexo não interfere no nível de alfabetização, conhecimento, comportamento, atitude e bem-estar financeiro. Portanto, não se confirmam as hipóteses 1, 2, 3, 4 e 5 do modelo.

Dessa forma, os resultados obtidos nessa pesquisa não estão de acordo com os obtidos em outras pesquisas semelhantes. Por exemplo, no artigo de Atkinson e Messy (2012) as mulheres possuem níveis mais baixos de conhecimento, alfabetização e comportamento financeiro em quase todos os países estudados, apesar de apresentarem níveis de atitude melhor.

Tabela 2 – Teste de comparação de média por sexo

Indicadores	Escala	Média da escala	Teste T Student		Média	
			Valor-p	Médias diferentes?	Feminino	Masculino
Alfabetização	de 1 a 21	11	0,485	Não	12,496	12,733
Conhecimento	de 0 a 7	3,5	0,206	Não	4,200	4,492
Comportamento	de 0 a 9	4,5	1,000	Não	5,325	5,325
Atitude	de 1 a 5	3	0,452	Não	2,975	2,917
Bem-estar	de 0,21 a 20	10,01	0,183	Não	9,248	9,757

Fonte: Dados da pesquisa

Essa divergência de resultados pode se dar pela lacuna do gênero feminino no acesso à educação, conforme mencionado por Bannier e Schwarz (2018) e Huang e Kisgen (2013). Esses autores mostram que a alfabetização financeira aumenta na educação. Mulheres com alto grau de escolaridade exibem uma alfabetização financeira tão alta quanto os homens com grandes níveis de instrução.

Analisando as médias dos grupos dos níveis de alfabetização, conhecimento e comportamento financeiro nota-se que estão acima da média da escala, enquanto as médias dos grupos nos níveis de atitude e bem-estar estão abaixo da média da escala. Portanto, o fato de ter melhor nível de conhecimento e comportamento não conduz o indivíduo a um melhor nível de bem-estar financeiro.

4.3 O endividamento

O nível de endividamento é medido pelo percentual de respondentes que relatam problemas financeiros.

De acordo com os resultados da Tabela 3, somente o nível de conhecimento financeiro apresenta correlação estatisticamente significativa com o nível de endividamento, dado que o valor-p de 0,031 é inferior ao nível de significância de 0,05.

Analisando o coeficiente de correlação do nível de conhecimento financeiro (-0,441), pode-se concluir que existe uma relação inversa entre o nível de endividamento e o nível de conhecimento financeiro. Em outras palavras, quanto maior o nível de conhecimento financeiro, menor o nível de endividamento do respondente.

Analisando o grau de correlação entre as variáveis, de acordo com Cohen (2013), existe uma correlação média, uma vez que o coeficiente de correlação está entre -0,50 e -0,30.

Esse resultado confirma a hipótese 7 do modelo.

As hipóteses 6, 8 e 9 não são confirmadas, dado que o valor-p do nível de alfabetização (valor-p = 0,060), comportamento (valor-p = 0,594) e atitude (valor-p = 0,303) é superior ao nível de significância, não apresentando relação estatisticamente significativa a um nível de confiança de 95%.

Tabela 3 – Teste de correlação de Pearson para o endividamento

	Coeficiente de correlação	Valor-p	Correlação significante?
Endividamento e alfabetização	-0,390	0,060	Não
Endividamento e conhecimento	-0,441	0,031	Sim
Endividamento e comportamento	-0,115	0,594	Não
Endividamento e atitude	-0,219	0,303	Não

Fonte: Dados da pesquisa

4.4 O bem-estar financeiro

De acordo com o teste de correlação de Pearson, existe uma relação entre o nível de alfabetização e bem-estar financeiro, dado que o valor-p (0,000) é inferior ao nível de significância (0,05).

O coeficiente de correlação de Pearson é 0,459. Por ser positivo, indica que quanto maior o nível de alfabetização financeira, maior o nível de bem-estar financeiro. Com relação à magnitude da relação, de acordo com Cohen (2013), existe uma correlação média, uma vez que o coeficiente de correlação está entre 0,30 e 0,50. Esse resultado confirma a hipótese 15 do modelo.

Esses resultados confirmam a hipótese 10 do modelo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procura verificar se o sexo influencia no nível de alfabetização financeira e se este possui relação com o nível de endividamento e bem-estar financeiro da população mundial.

Na revisão da literatura sobre o assunto, foi encontrada uma gama de definições e formas de se medir o nível de alfabetização financeira, provando a complexidade do assunto. A definição utilizada nesse trabalho é a estabelecida pela OECD (2020), onde a alfabetização financeira é o conjunto de conhecimento, comportamento e atitude financeira. Portanto, são essas as variáveis que serão estudadas, além do bem-estar financeiro.

Pelos resultados dos testes estatísticos, a conclusão é de que o sexo não influencia no nível de alfabetização, conhecimento, comportamento, atitude e bem-estar financeiro dos indivíduos. Esses resultados divergem dos obtidos nos trabalhos acadêmicos, onde os resultados indicam que as mulheres apresentam um nível menor de conhecimento e comportamento financeiro adequado.

Com relação ao nível de endividamento, somente o nível de conhecimento financeiro apresenta diferença estatisticamente significativa, onde os resultados indicam que quanto maior o nível de conhecimento financeiro, menor o nível de endividamento do respondente.

Em relação ao bem-estar financeiro, os resultados indicam que quanto maior o nível de alfabetização financeira, maior é o nível de bem-estar financeiro. Isso implica que, para possuir bem-estar financeiro, é necessária uma alfabetização financeira prévia, pois assim o indivíduo saberá se comportar financeiramente, gerando maior conforto quanto às suas finanças pessoais.

O trabalho apresenta algumas limitações, sendo uma delas a utilização de questões para se medir o conhecimento, comportamento, atitude e bem-estar, questões essas que nem sempre abordam todos os aspectos apresentados na tomada de decisão financeira de um indivíduo.

Outro aspecto é a escolha dos indivíduos que compõem a amostra de cada país.

Uma terceira limitação é comparar diferentes economias, que apresentam diferentes culturas.

Uma quarta limitação é analisar a influência no tempo e nas atividades de educação financeira promovidas pelos respectivos governos desses países estudados.

Com isso, recomenda-se ampliar o número de países estudados, separando-os de acordo com o nível econômico, ampliando o número de participantes da pesquisa, além de maior diversificação da amostra de cada país. Para finalizar, aumentar o número de características sociodemográficas e econômicas para melhor avaliar as competências de alfabetização financeira da população.

REFERÊNCIAS

ANZ. **ANZ survey of adult financial literacy in Australia**. Australia: The Social Research Centre, 2015. 165 p.

ATKINSONI, Adele; MESSY, Flore-Anne. Measuring Financial Literacy: results of the oecd infe pilot study. **OECD Working Papers on Finance, Insurance And Private Pensions**, Paris, v. 1, n. 15, p. 1-72, mar. 2012.

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. Promoting Financial Inclusion through Financial Education: OECD/INFE Evidence, Policies and Practice. **OECD Working Papers on Finance, Insurance And Private Pensions**, Paris, n. 34, p. 1-55, 2013.

BANNIER, Cristina; SCHWARZ, Milena. Gender and education: related effects of financial literacy and confidence on financial wealth. **Journal of Economic Psychology**, Alemanha, v. 67, n. 1, p. 66-86, ago. 2018.

BRICKER, Jesse; KENNICKELL, Arthur; MOORE, Kevin; SABELHAUS, John, Changes in U.S. Family Finances from 2007 to 2010: Evidence from the Survey of Consumption Finances, **Federal Reserve Bulletin**, v. 98, n. 2, p. 1-80, jun. 2012.

BROWN, Martin; GRAF, Roman. Financial Literacy and Retirement Planning in Switzerland. **Numeracy**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 1-21, jul. 2013. University of South Florida Libraries. <http://dx.doi.org/10.5038/1936-4660.6.2.6>.

CAMPARA, Jéssica Pulino; VIEIRA, Kelmara Mendes; CERETTA, Paulo Sérgio. Entendendo a Atitude ao Endividamento: fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas o determinam? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa: (RECADM)**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 5-24, abr. 2016.

CARVALHO, Helder Araujo de; SOUSA, Felipe Gerhard Paula; FUENTES, Verónica Ligia Peñaloza. Representação Social do Endividamento Individual. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Ceará, v. 11, n. 1, p. 100, 11 abr. 2017.

CHEN, H.; VOLPE, R. An Analysis of Personal Financial Literacy Among College Students. **Financial Services Review**. v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.

COHEN, Jacob. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. 2. ed. Canada: Kobo Editions, 2013.

DONADIO, Rosimara; CAMPANARIO, Milton de Abreu; RANGEL, Armênio de Sousa. O Papel da Alfabetização Financeira e do Cartão de Crédito no Endividamento dos Consumidores Brasileiros. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 75-93, 3 maio 2012.

FALAHATI, Leila; SABRI, Mohamad Fazli. An Exploratory Study of Personal Financial Wellbeing Determinants: Examining the Moderating Effect of Gender. **Asian Social Science**, Malaysia, v. 11, n. 4, p. 33-43, jan. 2015.

FLORES, Silvia Amélia; BIDARTE, Marcos Vinicius. Style Consumption and Propensity to Indebtedness: Evidence on the Peace Border. **Revista de Administração UFSM**, Santa Maria, v. 12, n. 1, p. 142-158, jun. 2019.

FU, Jonathan. Ability or opportunity to act: what shapes financial well-being?. **World Development**, Zurich, v. 128, n. 104843, p. 1-20, jan. 2020.

GATHERGOOD, John. Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. **Journal of Economic Psychology**, EUA, v. 33, n. 3, p. 590-602, jun. 2012.

HOGARTH, J. M; HILGERT, M. A. Financial knowledge, experience, and learning preferences: Preliminary results from a new survey on financial literacy. **Proceedings of the American Council on Consumer Interests 2002 Annual Conference**. v. 48, p. 1-7, 2002.

HUANG, Jiekun; KISGEN, Darren. Gender and Corporate Finance: are male executives overconfident relative to female executives? **Journal of Financial Economics**, Boston, v. 108, n. 3, p. 822-839, jun. 2013.

HUNG, Angela; PARKER, Andrew M.; YOONG, Joanne. Defining and Measuring Financial Literacy. **SSRN Electronic Journal**, [S.L.], p. 1-28, set. 2009. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1498674>.

HUSTON, S. J. Measuring financial literacy. **The Journal of Consumer Affairs**. v.44, n. 2, p. 296-316, 2010.

ISMAIL, Shafinar. Students' Attitude to Educational Loan Repayments: a structural modelling approach. **A Thesis**: submitted for the degree of Doctor of Philosophy, West London, v. 1, n. 1, p. 1-355, jul. 2011.

JUMP\$TART COALITION FOR PERSONAL FINANCIAL LITERACY. **National Standards in K-12 Personal Finance Education**. 4. ed. Washington DC: Jump\$Tart Coalition For Personal Financial Literacy, 2017. 52 p.

KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria; VAN OUDHEUSDEN, Peter. **Financial Literacy Around the World::** insights from the standard & poor's ratings services global financial literacy survey. Washington: World Bank Group, 2015. 27 p.

KEESE, Matthias. Who feels constrained by high debt burdens? Subjective vs. objective measures of household indebtedness. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 1, p. 125-141, feb. 2012.

KIM, Y. K.; SETTERFIELD, M.; MEI, Y. Aggregate consumption and debt accumulation: an empirical examination of us household behaviour. **Cambridge Journal Of Economics**, Oxford, v. 39, n. 1, p. 93-112, 23 ago. 2014.

KOYAMA, Sergio; GARBER, Gabriel. Policy-effective Financial Knowledge and Attitude Factors. **Central Bank of Brazil: Research Department**, Brazil, n. 430, p. 51-94, abr. 2016.

LIMBU, Yam B.; SATO, Shintaro. Credit card literacy and financial well-being of college students: a moderated mediation model of self-efficacy and credit card number. **International Journal Of Bank Marketing**, New Jersey, v. 37, n. 4, p. 991-1003, out. 2018.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.. The Economic Importance of Financial Literacy: theory and evidence. **Journal of Economic Literature**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 5-44, 1 mar. 2014. American Economic Association. <http://dx.doi.org/10.1257/jel.52.1.5>.

LYONS, Angela. Credit Practices and Financial Education Needs of Midwest College Students. **Networks Financial Institute**, Indiana, v. 23, n. 1, p. 1-62, out./2007.

MARTINHO, Vítor João Pereira Domingues. Impact of Covid-19 on the convergence of GDP per capita in OECD countries. **Regional Science Policy & Practice**, [s. l], p. 1-18, jun. 2021.

METTE, Frederike Monika Budiner; ARALDI, Tamila; ROHDE, Liliane Antunes. Responsabilidade Financeira: como a educação e a alfabetização financeira influenciam a inadimplência? uma análise da classe c brasileira. **ConTexto**, Porto Alegre, v. 18, n. 40, p. 76-88, dez. 2018.

NORVILITIS, Jill; MERWIN, Michelle; OSBERG, Timothy; ROEHLING, Patricia; YOUNG, Paul; KAMAS, Michele. Personality Factors, Money Attitudes, Financial Knowledge, and

Credit-Card Debt in College Students. **Journal of Applied Social Psychology**, Buffalo, v. 36, n. 6, p. 1395–1413, jun. 2006.

OECD. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness**. Paris: OECD, 2005, 7 p. Disponível em: <<https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/35108560.pdf>>. Acesso em: 05 abr 2022.

OECD. **OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies**. Paris: OECD, 2016. 100 p. Disponível em: < <http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/OECD-INFE-International-Surveyof-Adult-FinancialLiteracy-Competencies.pdf>>. Acesso em: 05 abr 2022.

OECD. **OECD/INFE 2020 International Survey of Adult Financial Literacy**. Paris: OECD, 2020. 78 p. Disponível em: <www.oecd.org/financial/education/launchoftheoecdinfeglobalfinancialliteracysurveyreport.htm>. Acesso em: 29 mar 2022.

PERRY, Vanessa G; MORRIS, Marlene D. Who Is in Control? The role of self-perception, knowledge, and income in explaining consumer financial behavior. **Journal of Consumer Affairs**, [S.L.], v. 39, n. 2, p. 299-313, set. 2005.

RAMALHO, Thiago Borges. **Modelo Estrutural de Literácia Financeira: um estudo sobre o comportamento financeiro de brasileiros considerando grupos com diferentes níveis de conhecimento financeiro e autoconfiança**. Tese: Doutorado em Administração de Empresas, São Paulo, v. 165, n. 118, p. 1-119, dez. 2017.

SANTOS, Elisabete; ABREU, Margarida. Financial Literacy, Financial Behaviour and Individuals Over-indebtedness . **School of Economics and Management**, Lisboa, v. 11, n. 2013, p. 1-31, set./2013.

RIITSALU, Leonore; MURAKAS, Rein. Subjective financial knowledge, prudent behaviour and income. **International Journal Of Bank Marketing**, Estonia, v. 37, n. 4, p. 934-950, 3 jun. 2019.

TAFT, Marzieh Kalantar; HOSEIN, Zare Zardeini; MEHRIZI, Seyyed Mohammad Tabatabaei; ROSHAN, Abdoreza. The Relation between Financial Literacy, Financial Wellbeing and Financial Concerns. **International Journal Of Business And Management**, Irã, v. 8, n. 11, p. 1-14, maio 2013.

TAN, A. K. G.; YEN, S.; LOKE, Y. J. Credit card holders, convenience users and revolvers: a tobit model with binary selection and ordinal treatment. **Journal of Applied Economics**, v. 14, n. 2, p. 225-255, 2011.

TAVARES, Fernando Oliveira; ALMEIDA, Luís Gomes; CUNHA, Maria Nascimento. Study of a University Students Sample. **International Journal of Environmental & Science Education**, Portugal, v. 14, n. 9, p. 1-13, set. 2019.

THADEN, L. L.; ROOKEY, B. D. Financial decision-making and economic inequality: Sources of influence on college students' financial literacy. **AFCPE Annual Conference, Inequalities Seminar**. Scottsdale: AZ, 2005.

THE WORLD BANK. Databank: World Development Indicators. 2022. Disponível em: <<https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators>>. Acesso em: 29 mar 2022.

VIEIRA, Kelmara Mendes; FRAGA, Luana dos Santos; VALCANOVER, Vanessa Martins; CATTELAN, Verônica Dalmolin; FLORES, Silvia Amélia Mendonça; CAMPARA, Jéssica Pulino. De Onde Vem o Bem-Estar Financeiro?: Análise dos fatores comportamentais, do gerenciamento financeiro e da renda. **Teoria e Prática em Administração**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 2, p. 1-36, ago. 2016.

WARREN, Amy; MARCHANT, Trudi; SCHULZE, Darcee; CHUNG, Donna. From Economic Abuse to Economic Empowerment: piloting a financial literacy curriculum with women who have experienced domestic and family violence. **Affilia**, Australia, v. 34, n. 4, p. 498-517, 11 ago. 2019.